



FAMÍLIA ESTENDIDA: TEORIZANDO SOBRE SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NUCLEAR

Olga Araujo Perazzolo

Siloe Pereira

Universidade de Caxias do Sul- Brasil

RESUMO

As construções teóricas sobre a família, nos últimos cem anos, assentaram os pilares fundamentais sobre os quais foram realizados avanços expressivos no universo da psicologia. Hoje, conta-se com modelos explicativos e estratégias de intervenção que levam em consideração as interações familiares no processo de constituição dos sujeitos, da doença, das relações sociais. Mas são ainda restritas as teorizações sobre a família estendida e seu papel efetivo como primeira e fundamental instância de desenvolvimento da família nuclear. Assim, há que se pensar e aprofundar reflexões a esse respeito, pois há indicadores suficientes para supor que a família estendida não constitui mero conjunto de parentes, ou um sistema em extinção que deve ceder lugar e saber-se diferenciado das novas famílias em formação. Ela precisa ser entendida para além de um nicho de apoio difuso, ou, ainda, um vetor de transmissão de legados à esfera familiar nuclear. Por isso, faz-se pertinente desvelar caminhos que permitam conceber a família estendida como o primeiro espaço de interlocução contributiva ao crescimento de novos grupos, pois em nenhum outro campo relacional o diálogo tende a estar tão marcado pela escuta, colorido pelo afeto e fortalecido pelo desejo. Portanto, cabe a ela manter-se viva e atuante para “falar” sobre o *porvir*; para “ensinar” as muitas coisas que só num tempo devido têm sentido e valor, como sobre filhos, sobre esperar, envelhecer, morrer; para contribuir na interpretação das demandas sociais; para ser base dos confrontos inevitáveis que conduzem à transformação, alimentando a esperança e a saúde da família nuclear.

Palavras-chave: família nuclear, família estendida, desenvolvimento familiar.

ABSTRACT

The theoretician constructions about family in the last one hundred years established the fundamental pillars in which were made expressive advances in the universe of psychology. Nowadays,



there are illustrative models and strategies of intervention that consider the family interactions in the process of establishment of subjects, disease and the social relations. But the theorizations are still very restricted about extended family and its effective role as the first and fundamental entreaty of development of the nuclear family. Thus, there is the need to stop and think and go deep in the reflections about this issue because there are enough indicators to suppose that the extended family is not just a mere complex of relatives or an extinction system that must give place and be different from the new developing families. It also needs to be understood further than a niche of diffuse support or still, a transmission vector of legacy for the nuclear family sphere. Because of this it is important to build a longer way that allows conceiving the extended family as the first space of interlocution contributive to the growing of new groups. In none of other relational fields the dialogue tends to be so fixed by the listening, colored by the affection and fortified by the desire. So, it is up to it to keep itself alive and active to talk about the future; to teach many things that just in a certain time has meaning and value – about children, about waiting, about get older, about die -; to contribute on the elucidation of the social demands; and to be the base of the inevitable confrontations that conduct to the transformation providing the hope and the health of the nuclear family.

Keywords: nuclear family, extended family, development family

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS: OBJETIVOS E CONTEXTUALIZAÇÃO

Os elementos apresentadas no texto objetivam contribuir para a construção de fundamentos conceituais sobre o lugar da família estendida no desenvolvimento das famílias nucleares, de seus diferentes membros, e da sociedade. A ainda restrita teorização acerca do tema, associada às evidências clínicas e empíricas sobre a importância de avós, tios e primos no cotidiano dos sujeitos justificam as reflexões ora feitas e incitam para que novos conceitos venham a ser formulados e colocados à discussão, inclusive no que tange a estratégias de intervenções psicoterápicas específicas e/ou que venham a potencializar a função da família nuclear.

Sabe-se que os estudos sistematizados sobre a família e seu papel na formação dos sujeitos tiveram expressivo avanço em diferentes escolas e perspectivas psicológicas a partir, sobretudo, da primeira metade do século XX. Neste processo, a psicanálise contribuiu de modo especial. As formulações sobre psicosssexualidade e as inexoráveis relações parentais envolvidas na trajetória de formação da personalidade e na configuração da saúde e da doença mental amarraram as interações familiares na organização do contexto onde os desenvolvimentos humano e social se dão. Nos tantos meandros de sua teoria Freud destacou, de forma irreversível, a importância das figuras da mãe e do pai na história pregressa, presente e futura dos indivíduos. Outros teóricos da psicanálise, da mesma forma, reiteraram o papel da família no *locus* privilegiado de constituição do sujeito. A função paterna proposta por Lacan (1995), por exemplo, cerne do suposto de que o filho/“falo” – dado real da completude e do gozo materno – se transforma em sujeito quando vive a castração simbólica atuada através do discurso do pai, eco do que fala o grande Outro e remete invariavelmente às figuras parentais, num profundo movimento de interações familiares que permitem e favorecem a constituição do sujeito.

Numa perspectiva neoanalítica, Adler (1991) destacou como poucos o papel dos pais e dos irmãos na formação dos indivíduos e no desafio de superar a inferioridade básica formulando, inclusive, propostas educacionais que potencializariam a qualidade das relações familiares e a probabilidade de êxito dos esforços humanos. Ainda nesta perspectiva, Sullivan, Horney, Erickson e



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

Fromm (Pervin e John, 2004) enfatizaram a origem psicossocial dos conflitos psíquicos e das motivações, e colocaram a família e as relações primárias como instâncias intermediadoras entre o sujeito e a sociedade.

A importância da família está suposta, também, em outros modelos teóricos da psicologia. A vertente cognitivo-comportamental, por exemplo, considera o valor das relações significativas, sobretudo as familiares, na coloração dos afetos que marcam as construções cognitivas dos sujeitos, através de processos que envolvem memorizações, processamento de informações e aprendizagens, sistematizadas em ciclos e redes que repercutem nos sentimentos, nas idéias e nos comportamentos das pessoas. (Schultz & Schultz, 2004)

Mas sem dúvida foi com o desenvolvimento da terapia familiar, a partir de meados do século XX, que o pensamento científico alargou horizontes e alterou definitivamente o cenário epistemológico da psicologia. A lógica circular, que rompe com o sistema causal e coloca a família no centro do processo relacional – segundo a perspectiva sistêmica –, que conduz à saúde ou à doença, ao desenvolvimento ou ao sofrimento de pessoas e grupos, tem parte de sua origem em pesquisas sobre a gênese da esquizofrenia. Mas é a partir das contribuições de Bateson (1979) que o paradigma sistêmico vai ganhar grande e definitivo alento, com a ênfase dada à perspectiva comunicacional, consolidando, em conjunto com outros estudiosos, entre eles Weakland, Haley, Watzlawick, a Escola de Palo Alto, na Califórnia, Estados Unidos, que, como se sabe, voltou-se amplamente para o estudo dos padrões de comunicação em famílias com membros esquizofrênicos (Nichols & Schwartz, 2007)

Nas décadas subseqüentes, outros centros voltados ao estudo das comunicações familiares se multiplicaram, em todo o mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, o que não será particularmente tratado no âmbito deste trabalho, para não fugir ao seu principal objetivo.

No entanto, uma reflexão cuidadosa acerca dos desenvolvimentos teórico-clínicos relativamente às comunicações familiares leva à constatação de que apesar da farta produção científica que daí deriva, o foco principal de atenção dos investigadores e terapeutas familiares vem sendo fundamentalmente a família nuclear. E nesse particular os estudiosos reiteram sistematicamente a dinâmica disfuncional que se estabelece sobre o tripé: (a) organização estrutural do sistema familiar; (b) homeostase versus capacidade de mudança; e (c) qualidade da comunicação/interação entre membros e subsistemas.

Sobre os mesmos pressupostos também se assenta outra perspectiva de estudos que tem em conta as relações macrosistêmicas próprias dos sistemas abertos, conforme Bertalanffy (1977), e que vem sendo desenvolvida relativamente aos contextos institucional e organizacional, particularmente no que se refere aos padrões e à qualidade do funcionamento escolar e à busca de compreensão das interações escolares internas, com os alunos e com suas famílias.

Verifica-se, desse modo, um importante e intenso investimento dos estudiosos no sentido de melhor compreender as interações micro e macrosistêmicas, ou seja, a família nuclear e as instituições/organizações formais. Já no que diz respeito a espaços intermediários entre elas, como é o caso da família estendida, constata-se, ainda, uma importante lacuna a ser preenchida. Assim, parece pertinente e necessário trazer à tona esta temática e provocar uma discussão que possa contribuir para ampliar a visibilidade da família estendida e chamar a atenção para as repercussões que ela pode ter nos diferentes segmentos/sistemas com os quais interage.

Este é o propósito do presente trabalho.



PERSPECTIVANDO O INTERJOGO FAMÍLIA ESTENDIDA-FAMÍLIA NUCLEAR

Independente da perspectiva teórica pela qual se pense a família estendida, o que se verifica é que ela vem sendo concebida como um conjunto de parentes que pode constituir um tecido de apoio familiar, ou não.

Neste ponto cumpre ressaltar que a família ocidental contemporânea apresenta configurações bem mais diversificadas do que aquelas encontradas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Novos ritmos e modos de relação resultaram de profundas transformações que caracterizaram o desenvolvimento de uma sociedade marcada pela lógica da dinamização econômica e que determinou a formação de agregados humanos sem precedentes, nas grandes cidades. Outro aspecto a considerar diz respeito à redução expressiva de tempo disponível no âmbito das famílias, o que contribuiu sobremaneira para que elas se movimentassem na direção da individualização e se fechassem em unidades menores. À conseqüência, verifica-se cada vez mais o afastamento físico e simbólico entre as famílias nucleares e a família estendida. O modelo de clã, caracterizado principalmente pela manutenção de um sistema relativamente fusionado e acionado por relações profundas de toda ordem com avós, tios e primos, praticamente se extinguiu na sociedade contemporânea.

Paralelamente a essas mudanças, as proposições teórico-clínicas em terapia familiar não pouparam esforços no sentido de enfatizar a importância do estabelecimento de fronteiras claras que permitissem o desenvolvimento da identidade das novas famílias, de papéis diferenciados nas relações entre seus membros e de padrões de autorregulação que pudessem evitar interferências favorecedoras de disfunções no sistema de cada família.

Assim, parece que tacitamente se estabeleceu um pacto compartilhado, um suposto marcado pela lógica biológica de que os avós integram um sistema em extinção, a partir do momento em que eles cumprem a sua função de criar os filhos, ou seja, à época em que os filhos constituem novas unidades familiares.

Da mesma forma, os tios e primos, membros fundadores ou integrantes de outras células familiares separadas, passam a construir novas histórias, únicas, independentes.

Contudo, parece pertinente supor que a família estendida tem um papel importante no desenvolvimento da família nuclear e da sociedade, tendo-se em conta a saúde de seus membros e a competência sociomoral derivada de relações vinculares profundas e de experiências genuínas de exercício ético.

No discurso individual e no cotidiano da clínica terapêutica não faltam elementos para sustentar a idéia de que a família estendida constitui o primeiro espaço de interlocução contributivo ao crescimento de novos grupos familiares. Em nenhum outro campo relacional o diálogo tende a estar tão marcado pela escuta, colorido pelo afeto e fortalecido pelo desejo. Essas características marcam o diferencial dos laços que unem os dois sistemas, assegurando um lugar destacado no processo e na qualidade do desenvolvimento da estrutura e da dinâmica familiares.

São bem conhecidos alguns efeitos da interferência da família estendida sobre a família nuclear. Situações conflituosas ou invasivas, indefinições ou sobreposições de papéis, dentre outras possibilidades, tendem a acionar movimentos circulares que conduzem à disfuncionalidade familiar. Mas a ausência ou a flacidez das interações entre esses dois sistemas, da mesma forma, pode fragilizar e comprometer os processos de formação das novas famílias e de seus membros, em diferentes momentos e etapas do ciclo vital, com repercussões importantes também no adoecimento social. A ampliação dos comportamentos/sentimentos agressivos, transgressores, fóbicos, de inibição, e o



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

predomínio de posturas hedonistas, assim como outros sintomas sociais, tão evidentes na atualidade, podem ser interpretados como expressões de falhas no processo de autorregulação das sociedades ocidentais, processo este no qual as interrelações entre os sistemas familiares – nuclear e estendido – e o meio social constituem as bases fundamentais.

Mas no que contribui a família estendida para potencializar a formação das famílias nucleares e de seus membros? A escuta clínica, de modo particular, pode oferecer dados consistentes que permitem supor que a família estendida deve desempenhar pelo menos três funções: (1) anunciar o porvir; (2) ensinar e confrontar; (3) proteger e atenuar a dor.

A primeira função, “falar” sobre o porvir, auxiliaria a família a se preparar para as mudanças, desde os aspectos mais elementares – envolvendo notícias sobre o que ocorrerá no próximo estágio de um bebê, por exemplo – até os mais subjetivos e complexos, como sobre os sentimentos que circulam nos processos de envelhecimento e de perdas. Não parece haver um eco tão efetivo dentro dos sujeitos como aquele que tem origem na voz de membros da família estendida, exceto quando, na falta desta, outras pessoas da rede de relações vêm a ocupar este lugar.

O “anuncio prévio” parece melhorar as condições da família para lidar com dificuldades e mudanças, sobretudo quando quem anuncia aponta traços singulares, reconhece sinais específicos da “linhagem” familiar e estabelece as diferenciações pertinentes. Não se trata, pois, de um discurso acadêmico, geral e popular, possível de ser proferido por amigos e pelos meios de comunicação. Trata-se de falar e escutar sobre uma família em especial, sobre suas peculiaridades, suas potencialidades, seus riscos. Num plano ideal, o jogo relacional entre os sistemas se incumbiria de selecionar, desprezar, ou considerar os elementos pertinentes, tendo como horizonte o desenvolvimento e a saúde do grupo e de seus membros.

O suposto de que a “antecipação” dos acontecimentos contribui para a qualidade do desempenho e para o aumento da tolerância de pessoas e grupos, dentre outros aspectos, está claramente explicitado nos conhecidos estudos de Bandura (Bandura, Azzi, Polydor, 2007) e outros pesquisadores da aprendizagem social.

A segunda função, ensinar e confrontar, se refere à prática educativa da família estendida propriamente dita, no que tange a se constituir em fonte de conhecimento sobre aspectos que só num tempo devido têm sentido e valor. Nesse contexto, estão incluídos saberes que envolvem a interpretação das demandas sociais e didáticas cotidianas que abarcam desde o manuseio da mamadeira e a lida com a rebeldia dos filhos adolescentes, até o aprendizado sobre o esperar, sobre o “viver” apesar das e com as mudanças, sobre o envelhecer, sobre o morrer.

Ainda nesta função, a família estendida ocupa o papel fundamental de confrontante, sendo espelho e primeira instância crítica dos “comportamentos” da família nuclear. A força do afeto, o estímulo à constituição de modelos alternativos de identificação, a construção genuína de sonhos para o futuro dos netos e sobrinhos, a competição pactuada entre primos, se transmitidos num sistema interativo regular, pode potencializar a fala parental e os valores sociais.

O testemunho imposto pela presença silenciosa, falante ou crítica da família estendida pode ampliar os recursos de contenção de impulsos e fortalecer a luz que ilumina trajetórias morais compartilhadas. Os comportamentos antissociais progressivamente exacerbados e cultuados no mundo contemporâneo e que cunham relações desde o âmbito escolar parecem refletir as conseqüências do espaço vazio que se criou entre a família nuclear e as demais instâncias intermediárias (escola e outras organizações), no contexto do macrosistema do qual elas fazem parte. Os comportamentos da natureza referida parecem estar sendo mais efetivamente contidos/inibidos por indivíduos cuja família nuclear e estendida mantém laços estreitos e constantes. Exceção deve ser feita, naturalmente, às



situações em que os comportamentos “não adaptados” são expressões do desejo familiar, ou sinal de sua disfunção.

O confronto opera, assim, através do *feedback* e da emissão de juízos da família estendida relativamente aos comportamentos dos membros da família nuclear. Este processo tende a consolidar o sistema de valores, crenças e projetos compartilhados do grupo, permitindo diálogos que fomentam o desenvolvimento e a atualização desses mesmos valores e dessas crenças, favorecendo o desenvolvimento de todos os sistemas envolvidos e de seus membros.

A terceira função da família estendida, proteger e atenuar a dor, compreende um processo de atenção constante e de ajuda diferenciada que minimiza riscos e facilita o restabelecimento ou a aceitação dos males inevitáveis. Trata-se da transposição para um nível familiar das funções equivalentes às desempenhadas por “mães suficientemente boas”, conforme descrito por Winnicott (1986), no que se refere à competência para conter e interpretar dores e necessidades, e contribuir para a cicatrização ou para a construção da capacidade de tolerar tormentos e mortes. Esta ação não deve ser entendida como equivalente ao afago de amigos, seguramente importante e, via de regra, cunhado de profunda sinceridade. A competência para antever, proteger e decifrar a natureza do sofrimento, conter e nomear a tristeza, e fomentar a esperança tende a ser desenvolvida pelos que dominam os códigos comunicacionais essenciais do grupo. A família estendida, *a priori*, deseja o bem-estar e a continuidade da vida dos que padecem, pois, se pelo amor não fosse, o adoecer coloca em risco o patrimônio afetivo de todo o grupo familiar e a eternidade possível que seus corpos carregam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOVOS DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O compromisso de anunciar o porvir, de ensinar e confrontar, assim como o de proteger e atenuar a dor, pode e tende a ser assumido pela família estendida, muito mais do que por qualquer outro grupo das relações humanas. Isto, em razão da natureza do afeto que liga seus membros, derivado dos legados circunscritos na novela familiar, dos movimentos de autorregulação interna dos sistemas envolvidos e das construções simbólicas e cognitivas que edificaram sonhos para aqueles que levarão a história da família e de cada um para o futuro.

Essa perspectiva, com alguma inspiração também em supostos darwinianos de seleção e adaptabilidade das espécies, próprios da vertente evolucionista da psicologia, constituiria a base dos cuidados e o apego profundo dos avós, a crítica severa dos tios, e o acirramento da competição entre primos, mobilizando sentimentos, pensamentos e ações que conduzem a novos aprendizados e à transformação necessária à manutenção da vida.

A família estendida, portanto, quando existente e funcional, quando percebida como pele psicológica que configura sistemas e subsistemas ativos, quando capaz de mudar e quebrar a homeostase estagnante, e quando apta a interagir sem romper fronteiras necessárias e limites alienantes precisa manter-se viva pelo maior tempo possível e atravessar com a(s) família(s) nuclear(es) as diferentes fases de vida que o tempo físico e as mudanças sociais impuserem.

Observam-se de maneira cada vez mais freqüente iniciativas terapêuticas que valorizam a inserção de parentes próximos no processo de intervenção, o que, em princípio, parece pertinente, à luz do suposto de que a família estendida tem funções importantes a desempenhar na constituição e no desenvolvimento das famílias nucleares. Contudo, ainda é necessário consolidar estudos que apontem para a pertinência de técnicas e para a adequação de estratégias que permitam potencializar os recursos



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

de redimensionamento dinâmico da família disfuncional. Avanços desta ordem poderiam, inclusive, repercutir em políticas sociais que observassem a força da rede de apoio constituída.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bateson, Gregory; Jackson, Don D.; Haley, Jay; Weakland, John (1956). Behavioral science. Vol 1 251-264.
- Bateson, Gregory. (1986). Mind and nature, a necessary nity. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bertalanffy, L.Von. (1977). Teoria geral dos sistemas. Petrópolis: Vozes.
- Bandura, A.; Azzi, R.G.; Polydor, S.A (2007). Teoria Social Cognitiva. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1900/1996a). A Interpretação dos Sonhos. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago (1996a).
- Freud, S. (1900/1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1956-57/1995). Seminário 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). Terapia familiar: conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed.
- Pervin, L.; John, O. (2004). Personalidade, teoria e pesquisa. Porto Alegre; Artmed
- Schultz, D.; Schultz, E. (2004). Teorias da Personalidade. Porto Alegre: Artmed.
- Watzlawick, P.; Beavin, J. H; Jackson, D.D. (1967). Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix.
- Winnicott, D. (1986). Holding e interpretação. São Paulo: Martins Fontes.

Fecha de recepción: 2 Marzo 2008
Fecha de admisión: 14 Marzo 2008

